UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL
DIRETORIA ACADÊMICA
CURSO DE TEOLOGIA

LUÍS FERNANDO BATISTA MESQUITA

O PENTECOSTALISMO E O SERVIÇO SOCIAL

CANOAS
2022

LUÍS FERNANDO BATISTA MESQUITA

O PENTECOSTALISMO E O SERVIÇO SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Teologia em cumprimento parcial dos requisitos obrigatórios para a obtenção do grau de Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

Orientador: Prof. Dr. Clóvis Jair Prunzel

CANOAS
2022

LUÍS FERNANDO BATISTA MESQUITA

O PENTECOSTALISMO E O SERVIÇO SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Teologia em cumprimento parcial dos requisitos obrigatórios para a obtenção do grau de Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

Data de apresentação: ____/____/____

_____ _____

PROF. Dr. CLÓVIS JAIR PRUNZEL Conceito

AGRADECIMENTOS

A Cristo, por ser a razão da minha existência e dar sentido pela busca da verdadeira sabedoria.

A Marina, amor da minha vida, esposa querida e os amados filhos Késia e João Vitor que são o suporte e inspiração para tudo o que eu faço.

A meu pastor João Oliveira, por sua paciência em me pastorear e ser um incentivador pela busca do conhecimento.

A meus professores, em especial, ao meu tutor Prof. Hubert Matte, pelo auxílio e enriquecedora colaboração, na elaboração deste trabalho.

A meus familiares, amigos e irmãos em Cristo, companheiros em todos os momentos.

Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória, eternamente. Amém!

Romanos 11.36

RESUMO

O tópico do presente trabalho é sobre a teologia pentecostal e suas contribuições na esfera social, com o objetivo de investigar a teologia e sua relação com o serviço social. Mostrando quais foram as contribuições no serviço social principalmente das Assembleia de Deus. Sabe-se que o pentecostalismo brasileiro é oriundo da América do Norte, e que os pioneiros alcançaram as camadas sociais mais carentes, e neste segmento se solidificaram com igrejas e serviços sociais. A metodologia do presente estudo é qualitativa e quanto aos seus objetivos é de natureza exploratória. O procedimento técnico de investigação utilizado foi a pesquisa bibliográfica. Os resultados da pesquisa apontam para o fato de que existe uma vocação social das Assembleia de Deus em comunidades mais carentes. Nesse sentido, os impactos sociais de um crescimento pentecostal, com inserção em diversos segmentos sociais, contribuíram para uma abordagem teológica mais aprofundada e elaborada, no âmbito das Assembleias de Deus.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Teologia. Assistência Social

ABSTRACT

The topic of the present work is about Pentecostal theology and its contributions in the social sphere, with the objective of investigating the theology and its relation with social service. Showing which were the contributions in the social service mainly of the Assembly of God. It is known that Brazilian Pentecostalism comes from North America, and that the pioneers reached the neediest social strata, and in this segment they solidified themselves with churches and social services. The methodology of the present study is qualitative and its objectives are exploratory in nature. The technical research procedure used was bibliographic research. The results of the research point to the fact that there is a social vocation of the Assembly of God in needy communities. In that sense, the social impacts of a Pentecostal growth, with insertion in several social segments, contributed for a more deepened and elaborated theological approach, in the ambit of the Assemblies of God.

***Keywords*:** pentecostalism. theology. socialaction

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 7

2 A ASSEMBLEIA DE DEUS E SUA ORIGEM 9

2.1 A Assembleia de Deus e Sua Vocação Social 10

2.2 A Ação Social na Perspectiva Bíblica, No Antigo Testamento 12

2.3 A Ação Social na Perspectiva Bíblica, No Novo Testamento 14

3 O IMPACTO E REFLEXOS SOCIAIS ATUAIS NAS COMUNIDADES 16

4 O IMPACTO E REFLEXOS SOCIAIS ATUAIS NAS IGREJAS 20

5 CONCLUSÃO 33

6 REFERÊNCIAS 35

1 INTRODUÇÃO

O objeto de pesquisa deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é conhecer quais foram as contribuições do pentecostalismo, principalmente das igrejas evangélicas Assembleia de Deus, com relação ao serviço social. O alvo é destacar sob o ponto de vista teológico a origem e motivações que o meio pentecostal fomenta no campo social.

A pesquisa tem como principal objetivo a ser investigado o quanto da teologia tem contribuído nos processos sociais nas comunidades em que está inserida.

A presente pesquisa terá uma abordagem qualitativa e quanto aos seus objetivos ela será de natureza exploratória. Para a coleta de dados, será usado como procedimento técnico de investigação a pesquisa bibliográfica. O procedimento de pesquisa denominado de pesquisa bibliográfica, consiste em fazer um levantamento do material publicado, visando fornecer um fundamento teórico ao trabalho e identificar o estágio atual do conhecimento referente ao tema de pesquisa.

Dentre as abordagens a respeito do tema de pesquisa, podem ser destacados dois escritos. Martins (2020) escreve sobre este tema na perspectiva de uma aproximação da tradição pentecostal e os sinais de uma presença de teologia do compromisso social, com o espaço acadêmico e prático com a sociedade nos seus diversos níveis. Já Alves (2021) vai abordar sobre a teologia prática que busca um diálogo com as demais ciências humanas, pois entende que a teologia pode utilizar-se das ciências sociais e seus instrumentos como métodos de compreensão do contexto e, com isso, obter uma leitura mais contextualizada da realidade na qual se encontra.

O presente trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro abordará a origem e vocação social da Assembleia de Deus, como estes temas se dialogam e como o movimento pentecostal encontrou um terreno fértil no Brasil para sua expansão e desenvolvimento no campo do serviço social. Também, a abordagem será sob o ponto de vista bíblico, o que e como Deus se revela no âmbito social, tanto na aliança com Israel, bem como nos Evangelhos e na era apostólica.

No segundo capítulo as reflexões sobre os impactos causados pelo movimento pentecostal nas comunidades em que atua e sua relação com sua vocação social, com ênfase nas comunidades mais vulneráveis, bem como, o avanço nos diversos segmentos da sociedade, resultante do crescimento social.

E, ao final, de que forma as igrejas foram absorvendo as mutações sociais e seus reflexos em relação a sua teologia pentecostal, sua soteriologia, com ênfase nas doutrinas da justificação e da santificação, a fim de demonstrar o quanto a teologia prática, no que se refere as boas obras, é coerente com as doutrinas bíblicas concernentes aos serviços sociais desempenhados pelas igrejas da Assembleia de Deus.

2 A ASSEMBLEIA DE DEUS E SUA ORIGEM

O termo pentecostal tem sua relação originada no fato histórico relatado na Bíblia, no Livro de Atos dos Apóstolos, ocorrido no dia de Pentecostes, uma festa judaica, em que um grupo de discípulos estavam reunidos juntamente com os apóstolos do Senhor Jesus Cristo e que todos foram cheios do Espírito Santo, conforme relata o texto bíblico no capítulo 2, versos 1-4 do livro de Atos dos Apóstolos.

A ênfase dada à ação do Espírito Santo, principalmente com relação ao continuísmo da manifestação dos dons espirituais, é a marca da doutrina pentecostal, assim como fora descrito pelo apóstolo Paulo em sua primeira carta aos Coríntios, no capítulo 12, em que diz que há diversos dons que o Espírito concede aos crentes, como de operar milagres, palavra de sabedoria, palavra de conhecimento, fé, dons de cura, profecias, discernimento, variedade de línguas e capacidade de interpretação.

A redescoberta do poder do Espírito Santo com o surgimento dos grupos carismáticos e pentecostais no século XX, segundo McGrath (2005, p. 161) foi um dos acontecimentos mais importantes para o cristianismo moderno. O fato de crer na disponibilidade do acesso a *charismata* (dons espirituais) mencionado no Novo Testamento, e no poder do Espírito Santo em especial no livro dos Atos dos Apóstolos, estabelece para o movimento um novo paradigma baseado nos fatos e atos da igreja primitiva registrados por Lucas. A igreja embrionária descrita em Atos dos Apóstolos (At.2.42-47), onde os irmãos estavam unidos em oração e comunhão, em que os que tinham necessidades materiais eram supridos e que perseveravam nos ensinamentos dos apóstolos e sinais e milagres eram realizados, deveria ser o padrão do movimento pentecostal a ser vivido.

Alunos da *Bethel Bible College* (Faculdade Bíblica Betel) no de 1901, em Topeka, Kansas, no qual eram membros das igrejas *holiness* wesleyanas e grupos reformados, estavam estudando sobre a obra do Espírito Santo no Livro de Atos, e em oração receberam o Espírito Santo, e o dom de falar em outras línguas. (CAIRNS, 2008, p. 514). Esse movimento foi desenvolvido e consolidado por Joseph William Seymour (1870-1922), onde mais tarde ficou conhecido como o líder do grande avivamento carismático da Rua Azuza, no centro de Los Angeles, no período de 1906-

1908, originando deste avivamento grande parte dos movimentos pentecostais na América do Norte. E em 1914 o diretor de uma publicação pentecostal convocou uma grande reunião de “crentes batizados no Espírito Santo”, e dali originou-se a principal denominação pentecostal da América, as Assembleias de Deus.

O movimento pentecostal navega sobre o Atlântico e chega em terras brasileiras, através dos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, no qual haviam sido atraídos pelo grande avivamento americano que chegara em Chicago, cidade onde moravam e inflamados pelo ardor da evangelização são orientados ‘profeticamente’ a irem ao Pará. Em 19 de novembro desembarcam em Belém do Pará. Ainda ligados à Igreja Batista Americana, são recebidos pela Igreja Batista de Belém, mas inflamados pelo movimento pentecostal americano, fundaram em 18 de junho de 1911 a Missão da Fé Apostólica, que em 1918 ficou conhecida como Assembleia de Deus (CONDE,2011). E no Rio Grande do Sul o casal Gustav Nordlund e Elizabeth e seu filho Herbert, vindos da Suécia, no dia 19 de outubro de 1924 realizaram o primeiro batismo nas águas do Rio Guaíba em Porto Alegre, bem como a primeira celebração da Ceia do Senhor, inaugurando-se em solo gaúcho a primeira igreja Assembleia de Deus no RS (MACHADO, 2014).

A partir das origens da Assembleia de Deus e com base na inserção na sociedade é possível ter um maior entendimento sobre a sua vocação social.

2.1 A ASSEMBLEIA DE DEUS E SUA VOCAÇÃO SOCIAL

A igreja Metodista de John Wesley, oriunda da Inglaterra, caracterizada dentro de uma tradição pietista, é a nascente de um movimento que originou nos Estados Unidos as “igrejas de santidade” , grupos descontentes com o abandono de vários aspectos da pregação de John Wesley, como por exemplo a doutrina da santificação, à medida que o Metodismo avançava dentro da classe média, esqueciam-se dos pobres e suas necessidades, assim destaca González “..que o interesse de Wesley com a justiça social foi maior do que todos os famosos pietistas do continente europeu.” (GONZÁLEZ, 2011, p. 352)

As raízes do movimento pentecostal na América no campo social, se alimentaram desta nascente wesleyana, os afrodescendentes, hispânicos, um grupo

inter-racial de predominância de negros americanos, que na sua maioria vinculada as camadas sociais mais pobres. O que na realidade brasileira ainda mais evidenciado, sua representatividade mais efetiva nas classes sociais de menor poder aquisitivo (MARTINS, 2020). E foi entres os menos favorecidos que o pentecostalismo, entre eles a Assembleia de Deus surgiu e cresceu como denominação.

Os pioneiros do pentecostalismo assembleiano no Brasil chegaram no Pará em meio ao declínio da cultura extrativista, a crise da borracha veio a partir de 1910, com a concorrência vinda da Ásia (ALVES, 2021). Segundo Alves a missão empreendida não dispunha de muitos recursos financeiros, e assim aproximando-os do público mais carente da região, os seringueiros, estivadores, trabalhadores da estrada de ferro e imigrantes.

Lopes (2008, p.12) irá abordar sobre as características e forma utilizada pelos missionários, como segue:

> A mensagem dos pioneiros assembleianos, cujo ponto de partida é Belém do Pará, rapidamente difundiu-se por todo o território nacional. O formato simples do evangelho pregado, o acolhimento comunitário, a liberdade de pregar concedida aos leigos, independente da posição social ou do grau de instrução do fiel, a possibilidade de usufruir de bênçãos divinas e de reconhecer-se como instrumento da ação divina, podendo retransmitir a outrem aquilo que crê ser a ação divina em sua vida; as manifestações extra cotidianas de glossolalia, profecias e cura divina; a inserção do novo converso em uma comunidade fraternal de “irmãos” organizada à parte da estrutura social vigente e o regramento da vida com base em preceitos ascéticos, são características marcantes do pentecostalismo assembleiano, cuja expansão ocorreu aceleradamente ao longo da sua história.

No âmbito social o movimento pentecostal irá se caracterizar por uma marca comunitária relevante, Martins (2020, p. 22) vai destacar elementos na formatação do culto pentecostal, como “místicos do entendimento da fé em detrimento de reflexões sobre o sentido sociológico da fé como fator de mudança social e em busca de uma vida comunitária mais eivada da autêntica cidadania”. O pentecostalismo se caracteriza pela importância dada à emoção, ele relata que alguns pastores reivindicam a experiência emotiva, no qual se faz notório nas suas liturgias e que a dignidade dos pentecostais está nesta experiência emotiva, que vai levar seus membros a formar uma grande rede de solidariedade, com ações sociais práticas

como doação de roupas, alimentos, encaminhamento de empregos e cursos de alfabetização (CORTEN,1996).

O termo diaconia é bastante comum no meio cristão, literalmente com significado de serviço e originalmente mais voltado a motivação da ação do que ao resultado. A igreja apostólica institui o ministério diaconal (At. 6) a fim de servir aquelas pessoas que estavam sendo desassistidas na distribuição diária. Ações estas que são conceituadas como sendo as que ultrapassam o interesse pessoal e beneficia o próximo, que em forma de diaconia, misericórdia e compaixão, podem ser resposta de fé (SCHROEDER, 2021).

A expressão Missão Integral, onde a igreja conceitua o ser humano de forma integral, corpo e alma e atua contribuindo para a transformação da vida social, física e espiritual do ser humano, ações que visam o bem-estar do ser humano, o contraponto fica no aspecto teológico, quando a teologia da missão integral substitui a graça salvadora pela práxis.

No assistencialismo além de não transformar socialmente, cria a dependência e exploração visando futuros préstimos pelas ações ofertadas. Mas talvez o termo mais conhecido seja o da Assistência Social, que apesar de ser uma política pública o LOAS – Lei Orgânica de Assistência Social, onde o Estado deve garantir direitos aos cidadãos brasileiros em situação de fragilidade de vida. Inclusive por ter este viés público, muitas igrejas possuem em suas estruturas organizacionais departamentos com esta nomenclatura (SCHROEDER, 2021).

Importante destacar que estes são alguns conceitos na área social, como diaconia, missão integral, assistencialismo e assistência social afim de trazer um maior esclarecimento ao assunto que por vezes se confunde e assim observar os textos bíblicos sob as lentes da perspectiva social. Neste intuito, no próximo tópico abordaremos sobre a ação social no Antigo Testamento sob a perspectiva bíblica.

2.2 A AÇÃO SOCIAL NA PERSPECTIVA BÍBLICA, NO ANTIGO TESTAMENTO

O Pentateuco revela e indica a maneira de viver do seu povo, Baptista menciona que “nesses escritos há um arcabouço de concepções libertárias e

igualitárias que antecedem a muitos direitos que irão surgir na Modernidade” (2018, p. 20). A Lei de Deus, requer do seu povo que o estrangeiro não seja maltratado, que a viúva e o órfão sejam protegidos e que o pobre não seja explorado, com isso trazendo nuances de não permitir que os carentes sejam explorados, que não haja injustiça social.

No livro de Deuteronômio, capítulo 15 e verso 7, O Senhor estabelece a Lei em favor dos pobres, onde se verifica “quando entre ti houver algum pobre de teus irmãos, em alguma das tuas cidades, na tua terra que o Senhor, teu Deus, te dá, não endurecerás o teu coração, nem fecharás as mãos a teu irmão pobre”. Os que amam a Deus são exortados a amarem ao próximo, esse princípio é notado em vários relacionamentos. Lasor vai cunhar que “o amor faz com que a justiça divina seja temperada com misericórdia” (2002, p. 101). No livro de Êxodo (Ex.22.25) o povo de Israel era instruído a não cobrar juros de empréstimos aos pobres, bem como em Levítico (Lv.19.10) a instrução era que na colheita o que ficasse no chão deixasse para os necessitados.

O profeta Isaias também será uma voz que denuncia a injustiça, a falta da verdadeira espiritualidade nas ações do povo de Deus, que sob a ótica de Deus, muito mais que o sacrifício sagrado era o povo obedecer a sua Lei ter o olhar de compaixão e de justiça, quando cita no capítulo 58 e versos 6 e 7, o verdadeiro jejum. Cabe ressaltar que essa justiça requerida pelo profeta é estar em de acordo com os caminhos de Deus, que de maneira geral implica em comportamento ético, como sendo algo doado por Deus e não resultado do esforço humano (LASOR,2002, p. 333)

O tratamento injusto com a prática de mentiras e negócios escusos é denunciado pelo profeta Miquéias (Mq.6.8). Também relata Zacarias a injustiça praticada para com os pobres, viúvas e estrangeiros (Zc.7.9-10) pelos quais são condenados por Deus, que conclama aos poderosos que usem de misericórdia. As autoridades civis e religiosas, eram denunciadas nos textos proféticos. O profeta Amós (Am. 5.11,12), diz:

> Portanto, visto que pisais os pobres e deles exiges tributo de trigo, não habitareis nas casas de pedras lavradas que tendes edificado; nem bebereis do vinho das vides desejáveis que tendes plantado. Porque sei serem muitas

> as vossas transgressões e graves os vossos pecados; afligis o justo, tomais suborno e rejeitais os necessitados na porta.

Conforme Shedd (2016) as Leis dos israelitas no período pós mosaico, visavam uma sociedade justa, o propósito de Deus na entrega das leis e decretos relacionados a justiça social para o seu povo, foi para que as nações tomassem nota da importância de se buscar o Deus de Israel e se comprometer com as suas leis. Estava ligada diretamente a missão de Israel. Ainda destaca que “o Antigo Testamento apresenta tanto a demanda por justiça social como a história do fracasso humano na prática da retidão. Deus rejeita totalmente qualquer separação entre religião e justiça.” (SHEDD,2016, p. 29).

O Deus que se revelou no Antigo Testamento, ordenando ao seu povo um cuidado com os menos favorecidos, carentes, estrangeiros, órfãos, viúvas e quando isso não acontecia em amor e misericórdia, os profetas não omitiam sua voz em denunciar a negligência do amor ao próximo. É o mesmo Deus que no aspecto humanitário, em Cristo quando na nova aliança, o Deus encarnado vai fazer lembrar aos seus patrícios da época, em que se resume toda a Lei “amar a Deus e ao próximo”, bem como denunciar os que se dizem serem cumpridores da Lei, mas esquecem do amor e da misericórdia.

Neste sentido, para além do Antigo Testamento veremos no próximo subcapitulo sob a perspectiva bíblica no Novo Testamento.

2.3 A AÇÃO SOCIAL NA PERSPECTIVA BÍBLICA, NO NOVO TESTAMENTO

O ensino e as ações de Cristo registrados nos Evangelhos são carregados de generosidade, hospitalidade, serviço ao próximo, e podem ser vislumbrados em alguns textos, que confirmam que a fé cristã não está desassociada das necessidades humanas, como nas Parábolas do Grande Banquete (Lc.14 v.12-14) e do Bom Samaritano (Lc.10 v.30-37), onde os que eram considerados indignos pela condição social, física, racial, são alcançados pela graça em amor e bondade de Deus.

Para Bailey a parábola do bom samaritano responde que o próximo pode ser qualquer um que esteja passando alguma necessidade, não importando sua cor, etnia, sua língua e que para exercer compaixão não há limitador legal (2016, p. 299).

O evangelista Mateus no Sermão Profético (Mt. 25.35-40), e o apóstolo João na Multiplicação dos Pães e Peixes (Jo.6 v.1-13), registram a carência, a necessidade de suprir o próximo de elementos básicos da vida humana, como o alimento, vestes, afeto nos quais são ações em que quando realizadas por um seguidor de Jesus, na vida do próximo, tem o intuito de glorificar a Cristo.

Os discípulos de Jesus Cristo, antes de sua ascensão, são instruídos a permanecer em Jerusalém, a fim de receberem o poder do Espírito Santo e assim serem testemunhas em todos os lugares, conforme relata o autor do livro de Atos no capítulo 1 e verso 8. O cumprimento profético alcança os discípulos de Cristo, a mensagem de salvação pela fé em Cristo é proclamada, e nasce a comunidade cristã, conforme relatado no capítulo 2 e versos 38-41 de Atos dos Apóstolos.

O autor destaca algumas características desta que seria a igreja embrionária, no verso 45, ele menciona que: “Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade.” Conforme Cairns a medida da ajuda distribuída era temporária, pois muitos ficaram longe de suas casas a fim de aprender mais da doutrina da fé, e que era feito de forma voluntária (2008, p. 50). Ainda Lucas, (At 4.34,35) ratifica o cuidado da igreja ao dizer que não havia necessitados entre os crentes porque distribuíam e dividiam o que tinham.

O contexto destes que são os primeiros capítulos do cristianismo se faz acontecer em Jerusalém em dias de festas judaicas, com judeus oriundos de várias nações do império romano, conforme citado no capítulo 2 de Atos. Segundo Cairns o atendimento as necessidades se deram “em primeiro lugar, que aquela era uma medida temporária, possivelmente concebida para atender as necessidades de muitos que não moravam em Jerusalém” (2008, p. 50).

Ainda em Atos o destaque no campo social, vai além do atendimento aos necessitados, também na forma organizacional afim de atender as demandas da igreja primitiva, como a instituição diaconal (At.6:1-6) que visa um melhor serviço a um determinado segmento da igreja, no qual estava sendo esquecido. No âmbito

social o cristianismo primitivo promoveu um novo modo de ver, uma mudança social entre os primeiros cristãos. (CAIRNS, 2008).

O registro de Lucas em Atos 11.27-30, vai relatar a predição de uma escassez de alimentos ao mundo da época do Imperador romano Cláudio (41-54 d.C.), e que a igreja situada na cidade de Antioquia envia donativos, através de Barnabé e Saulo, com o propósito de suprir os irmãos da Judéia.

Nas cartas Paulinas o apóstolo vai mencionar por vezes pedindo e agradecendo as ofertas destinadas aos carentes, como encontrado em 2Co.8.3,4; 9.13; Gl.2.9,10, bem como na carta aos Romanos no capítulo 15, versos 25-29, onde menciona que o ato de generosidade aos judeus seria como uma dívida diante dos valores espirituais recebidos.

Enquanto o apóstolo Paulo anunciava a salvação aos pecadores pela graça mediante a fé em Cristo como fruto da justificação e por ação do Espírito Santo se vive uma vida santificada (Gl.5), redundando em atos de bondade, misericórdia para com o próximo. Ou, na perspectiva do apóstolo Tiago em sua carta universal, no capítulo 2 versos 15 e 16 vai mostrar que a fé de um cristão, deverá o conduzir às práticas e obras de misericórdia em favor do necessitado.

3 O IMPACTO E REFLEXOS SOCIAIS ATUAIS NAS COMUNIDADES

Ao longo da história da igreja cristã, homens e mulheres influenciaram com a proclamação do Evangelho as condições sociais de determinadas classes, foi assim quando da Reforma no século XVI com Lutero e sua luta contra as indulgencias, contra a usura, a favor dos camponeses, também não menos importante a reforma trouxe o estimulo a educação e a criação de um sistema educacional, Cairns cita que a “ênfase na educação chegou à América, quando algum tempo depois os puritanos, calvinistas, criaram escolas no novo mundo” (2008, p. 283). No meio Metodista, na Inglaterra surgiu o Exército da Salvação, que ao contrário de muitas outras denominações não se ocupava somente da vida religiosa, mas conforme Gonzales

“mas também no que se relaciona às suas necessidades materiais, distinguindo-se por sua obra de auxílio aos pobres” (GONZALES, 2011, p. 389).

No movimento pentecostal, derivado de uma origem Protestante, com uma práxis teológica exercida principalmente entre as camadas sociais mais vulneráveis, é importante destacar o que Rolim (1985, p. 42) fala sobre o início do movimento no Brasil. Nesse sentido ele aponta que “a Assembleia de Deus ia pontilhando o Norte, carregada pelas camadas pobres da população brasileira. Essas faixas pobres com muito escassas possibilidades de melhoria de vida”. Realidade agravada com a crise da borracha, a partir de 1910, que obrigou os imigrantes a retornarem aos seus estados de origem e assim a Assembleia de Deus acompanhou o movimento migratório (ALVES, 2021).

Um dos impactos sociais relevantes do movimento pentecostal sem sombras de dúvida estava no fato da elevação da autoestima nas comunidades mais carentes, da inserção destas pessoas das camadas sociais mais simples. O pentecostalismo ofertou para os semianalfabetos as funções eclesiásticas, fomentando assim o sacerdócio leigo (ROLIM, 1985).

O fortalecimento desta membresia diante da sua comunidade local, também se revelava em sua generosidade, pois o olhar atento às crianças, mulheres e idosos, e aos excluídos de recursos fizeram com que as igrejas fossem além do serviço no templo. Silva vai referir que “não se limitaram a distribuir cestas básicas e roupas, mas organizaram instituições com voluntários e profissionais contratados para realizar o serviço com a população carente “(SILVA, 2009, p.10).

Muitas crianças que moravam nas vilas carentes de Porto Alegre, foram alimentadas e vestidas pelo trabalho voluntarioso dos membros, eram mais de 5.000 crianças atendidas por mais de 44 pontos de sopas espalhados pelos templos das Assembleias de Deus em Porto Alegre (STEIN,1998).

Os centros de recuperação da drogadição, atualmente tem impactado as comunidades em virtude da proliferação do uso de drogas. Famílias desesperadas procuram muitas vezes primeiramente as igrejas, antes mesmo do poder público. Tanto as comunidades como o governo reconhecem a importância deste serviço realizado pela igreja no qual visa a recuperação e sociabilização do ser humano.

A decisão da institucionalização da assistência, ou seja, criar instituições assistenciais, poucos estão dispostos a enfrentar, pois por vezes as igrejas estarão numa zona de combate entre a caridade, fruto do Espírito Santo na vida dos crentes, frente as determinações legais, marcos regulatórios, com base em valores terrenos, e que exigirão que os valores religiosos, modo de pensar e agir sejam reelaborados (SILVA,2009).

Esta vocação assembleiana de estar inserida nas camadas sociais mais pobres, e com ações mais direcionadas no intuito de mitigar o sofrimento, traz consigo a crítica, de que a igreja deve ter seus olhos voltados para o desenvolvimento do ser humano como um todo, conforme cita Wolfart (2010) “As igrejas históricas, embora muito menores, deram uma contribuição social muito maior, por exemplo, através das suas escolas, da educação, coisa que o pentecostalismo não tem valorizado”.

Apesar da crítica no âmbito educacional no meio pentecostal, um dos fatores de maior inserção social junto às comunidades, de forma marcante tem sido as Escolas Bíblicas Dominicais, onde independente da estrutura arquitetônica dos templos e sua forma construtiva das mais simples as mais sofisticadas, existe no mínimo uma classe infantil, ensinando os rudimentos da fé cristã aos infantes e na sua grande parte proporcionando uma alimentação matinal, que em determinados locais poderá ser a única refeição daquele dia.

Conforme Martins (2020, p.46) também destaca que as transformações sociais têm se mostrado ser uma aptidão do pentecostalismo clássico, como segue:

> O pentecostalismo clássico, no entanto, por sua essência protestante, em relação a certos conteúdos da mensagem proferida em seus púlpitos, estimula a participação no mundo da leitura para conhecimento de doutrinas bíblicas. Motiva, por um percurso de valorização de autoestima individual, a busca de ascensão socioeconômica que irá justificar a presença de Deus no curso da existência e testificar uma fé operante.

A melhoria das condições socioeconômicas deu acesso à educação, por consequência as igrejas começaram a vivenciar gerações de pentecostais cursando escolas técnicas, universidades e assim elevando o nível cultural das comunidades, os serviços sociais foram elevados a um patamar de profissionalização e organização técnico administrativo.

De certa forma o pentecostalismo tem alcançado uma visibilidade social, no qual tem gerado estudos de sociólogos e antropólogos da religião, em sua grande parte focados não somente nas questões socioculturais, mas também na inserção política do pentecostalismo. Apesar de que em algumas denominações o assunto política sempre foi “demonizado”, por entender ser corruptora de valores morais, fruto de um radicalismo dogmático, por outro lado existem denominações que se utilizam de seus espaços para promover lideranças na esfera política, com intuito de eleger e assim possuir representatividade no parlamento na defesa das pautas de cunho religioso (SANTOS, 2008).

Segundo Sales (2017, p.83) sobre a participação dos pentecostais na política, cita que “o impacto pentecostal na sociedade brasileira tem ido além da conversão de indivíduos e do crescimento numérico das organizações pentecostais, levando os interesses religiosos para as demais esferas.” Nas últimas décadas esse fenômeno social tem se mostrado cada vez maior, visto a quantidade considerável de pessoas ligadas a igreja nas disputas eleitorais.

Um dos fatores pelo qual se tenta compreender que mesmo com a inserção cada vez maior na política e o crescimento do movimento pentecostal, não seja garantia de melhoria nas condições sociais, está ligado a busca pela melhoria social vinda de uma perspectiva religiosa. Nesse sentido:

> Pode-se dizer que há limites para o engajamento pentecostal com os direitos humanos. Certamente, sua visão de mundo teologicamente orientada visa melhorar as condições espirituais de uma sociedade e, por meio disso, as condições sociais reais. No entanto, e ainda que os efeitos sociais pareçam os mesmos, os pentecostais entendem as questões sociais a partir do plano do bem-estar espiritual e não da perspectiva de mudanças legislativas, como fazem os ativistas de direitos humanos. Em outras palavras, para os pentecostais as doenças sociais, o crime e a violação dos direitos humanos têm mais a ver com a falência espiritual de uma sociedade do que com suas estruturas sociais. No que diz respeito aos pentecostais, a ameaça mundana aos valores familiares e a erosão da sociedade são o resultado de uma vida sem relacionamento com Deus (ALENCAR, 2022.p. 19).

Uma das críticas a serem apontadas a inserção política dos pentecostais é de não possuir elementos propositivos, como a apresentação de políticas de combate à fome, à violação dos direitos humanos, a injustiça. Mas é feita de forma reativa por meio de apoio direto a candidaturas de líderes evangélicos que compõem o

imaginário do cristão conservador e preocupa-se estritamente com pautas enquadradas no campo da moral (ALENCAR,2022).

A falta de alcance do governo nas questões básicas da dignidade humana, a forma de evangelizar e a liturgia do culto pentecostal, foram algumas molas propulsoras da inserção e crescimento do movimento pentecostal, as igrejas foram alcançando outras camadas sociais, a conversão ao evangelho levava seus membros a um zelo por sua conduta moral, em que sua renda era canalizada basicamente para o sustento da família e generosidade no serviço cristão.

Martins (2020) considera que o pentecostalismo não é mais uma ideologia religiosa exclusiva de um gueto cultural, pois foi avançando para os mais variados públicos de diferentes classes e níveis de poder financeiro, com estéticas culturais variadas e ênfases teológicas de todos os tipos. Esta transformação social que gerou a inserção de pentecostais em vários segmentos sociais, também trouxeram impactos e reflexos nas igrejas em sua forma de servir e sua relação com a doutrina de santificação, onde veremos no capítulo posterior.

4 O IMPACTO E REFLEXOS SOCIAIS ATUAIS NAS IGREJAS

A herança cristã do pentecostalismo embalada pelos braços da reforma protestante, tem se mostrado com aptidão para transformações em si mesmo como para o seu olhar ao mundo. É como um corpo humano em crescimento, no qual à medida que o tempo passa vai sofrendo suas mutações. Com o movimento pentecostal não foi diferente, neste seu primeiro século de vida já possui reflexos em sua teologia, na sua liturgia, já absorvida pelas mudanças das condições socioeconômicas de sua membresia, e por consequência da sua inserção e diálogo com áreas da cultura e do conhecimento nunca fomentado.

Uma das características mais marcantes no pentecostalismo é a ênfase dada a atuação do Espírito Santo, não somente na questão dos dons espirituais, mas também na vida cristã diária. Este Espírito Santo, não é algo exclusivo de algum grupo

específico, mas age no mundo através da missão da igreja, derramando vida e justiça onde a injustiça estava causando sofrimento e morte (ALENCAR,2022).

Sanches vai mencionar que as transformações sociais ainda estão aquém do crescimento do movimento pentecostal, sendo uma das causas, a falta de uma teologia pentecostal associada ao seu *ethos*, pois muito da sua teologia é emprestada o que provoca uma falta de compreensão mais profunda da fé no meio pentecostal (ALENCAR,2022).

De natureza pietista, *wesleyana* assim foi se desenhando a liturgia dos cultos pentecostais, extremamente biblicista, com uma raiz e ênfase ao livro de Atos dos Apóstolos, tendo a Bíblia como única regra de fé, com orações e cânticos onde as expressões e experiências místicas são incentivadas e com forte cunho moralista em seus costumes, as igrejas pentecostais iam sendo formatadas. Martins (2020, p.53), ao tratar sobre os cultos dirá:

> São palavras tidas como autorizadas por Deus, capazes, assim se pensa no pentecostalismo, de gerar conversão ou libertação. A mensagem pentecostal – guardada as diferenciações evidentes – é como a mensagem protestante mais comum. Um discurso que postula submissão a um livro definido como palavra de Deus. Submissão que, por sua vez, exige santidade, garante acesso ao céu e concede poder aos aderentes.

Durante algumas décadas o entendimento sobre santificação, enclausurou os crentes pentecostais em seus guetos, pois a ênfase dada sobre a doutrina, levava a membresia ao um elevado padrão de pureza e de moralidade, este conceito do “ser separado” fazia com que os diálogos sociais fossem escassos e ainda carregavam consigo a rotulação de um povo inculto. Os desvios de certos padrões de santidade na sua prática, resultava em exclusão de membros da igreja, os exageros eram tantos, que os textos neotestamentários, como o perdão aos fiéis, entravam em contradição com as abordagens praticadas (MCGRATH,2005).

Além desta concepção teológica e das mutações do pentecostalismo, a prática de boas obras sempre foi associada a uma vida cristã “consagrada”, uma vez convertido ao Evangelho este cristão era incentivado a buscar uma vida de santificação e de boas obras. As implicações associadas a este viés teológico trouxeram aspectos que são importantes nas igrejas a serem destacados.

Primeiramente o desenvolvimento de uma vocação social forte, tanto em torno da congregação, como em lugares distantes com o envio de missionários, a fim de estabelecer o cuidado com menos favorecidos socialmente no acolhimento de crianças abandonadas, idosos em vulnerabilidade, educação infantil, saúde e habitação, ou seja, a igreja foi impactada por uma realidade no seu contexto social, e sua práxis teológica, não lhe permitia a omissão ou ausência de amparo. Williams (2011, p.450) vai mencionar que no processo de santificação, além de ser santificado em Cristo por sua obra vicária (Hb.10.10), durante a vida cristã deve haver um aperfeiçoamento humano, um esforço humano, atitudes, tais como:

> o abandono da preocupação egoísta (o pecado do orgulho e do egocentrismo) em favor de uma atitude de abnegação e humildade compassivas em relação aos outros, uma atitude de completa expansividade. A santificação é muito mais do que uma vida de pureza de coração (tão essencial quanto a outra): também é uma vida de humildade, amor e auto sacrifício.

Ainda sobre o aspecto do esforço humano, cabe salientar que se esta busca em realizar boas obras trouxeram reflexos de uma certa forma positivos, que vão além do crescimento quantitativo, mas um reconhecimento social, e não menos importante um aumento neste diálogo religioso cultural, em que as igrejas pentecostais, saindo dos seus guetos, estão produzindo cada vez mais conteúdos musicais, literários, e maior engajamento político na esfera partidária. Siqueira vai destacar que “é um mundo de assistência social, laços comunitários intensos, formação intelectual crescente e muita cultura artística” (SIQUEIRA, 2022, p. 3).

Esta crescente cultural traz um importante reflexo social, no qual desemboca no mundo literário, é notório no meio cristão o aumento de livros editados pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus – CPAD, fruto do constante aprimoramento teológico, cada vez mais exigida dos pastores e líderes da denominação. Existem também mais de 60 escolas teológicas das Assembleias de Deus no Brasil, o método educacional esteve historicamente estruturado nos modelos das Escolas Dominicais. A Educação Teológica é um produto da cultura cristã que com os seus dogmas, visões doutrinárias e teológicas perpassa os ensinos bíblicos fundamentais e que se consolidou nos moldes das muitas ambiguidades e transformações sociais pelas quais as sociedades e o cristianismo passaram.

Cabe destacar que apesar do crescente reconhecimento do fenômeno pentecostal no Brasil, do avanço assistencial, educacional e cultural do pentecostalismo, sob o ponto de vista teológico é preciso salientar o quanto desta teologia tem influenciado na vida prática da igreja.

Para esta abordagem teológica se faz necessário destacar na teologia sistemática o tema da soteriologia, especificamente de forma clara as doutrinas da justificação e da santificação. Ambas são indissoluvelmente ligadas entre si e não devem ser confundidas. A justificação do pecador vem imediatamente seguida de sua santificação. A justificação é fonte da santificação, ensinar o inverso é anticristão, é obstruir tanto a justificação quanto a santificação (MUELLER,2018).

Segundo Mueller a doutrina da justificação pela fé constitui a doutrina central da religião cristã, em que todas as verdades do Evangelho convergem, sendo que negar a doutrina da justificação pela fé, é negar a religião cristã. Em síntese Mueller (2004, p.357) vai afirmar que:

> a doutrina da justificação pela fé no Cristo crucificado e ressuscitado constitui o inteiro Evangelho. Onde quer que seja crida, existe a Igreja de Cristo, a comunhão dos santos. Onde quer que não seja crida, não pode existir a Igreja Cristã, visto que esta possui como membros apenas aqueles que creem que Cristo morreu e ressuscitou por eles.

Entender a visão correta da justificação é crucial para a fé cristã, salvaguardando assim a verdade do Evangelho para as futuras gerações. Sob a óptica de Grudem o entendimento correto desta doutrina é um divisor de águas “uma verdadeira visão sobre a justificação é a linha divisória entre o evangelho bíblico da salvação somente pela fé e de todos os falsos evangelhos baseado nas obras” (GRUDEM,2010, p.603).

A epístola de Paulo aos Romanos é de fundamental importância para a compreensão dos elementos que sustentam a doutrina da justificação. A influência desta epistola paulina em homens como Agostinho, Lutero, Wesley e outros tiveram grandes repercussões na história, como cita Bruce (2020, p.51) sobre Lutero em seu comentário:

> em novembro de 1515, Martinho Lutero, monge agostiniano e professor de teologia sagrada na Universidade de Wittenberg, começou a expor a Epístola de Paulo aos Romanos aos seus alunos, e continuou este curso até setembro

> seguinte. Conforme preparava as suas preleções, foi apreciando cada vez mais a centralidade da doutrina paulina da justificação pela fé.

Ao fazer os comentários de Romanos 3.21-28, Bruce (2020) trata a justificação como uma provisão divina, abrindo-se um novo caminho, aceito por Deus, o caminho da fé em Cristo Jesus, recebido de forma gratuita, por Sua graça (*solo gratia*), por causa da obra redentora realizada por Cristo, em que através da Sua morte sacrificial fizera expiação de nossa culpa e retirado a iminente retribuição merecida por nossa rebelião contra Deus, visto que todos (judeus e gentios) pecaram e haviam perdido o ideal que Deus havia mirado quando trouxera a existência, ou seja, a Sua glória. Deste modo Deus demonstrou a Sua justiça, e deu aos pecadores o estado de justos pela fé (*solo fide*), à parte das obras da lei.

Na continuidade do comentário, segundo Bruce (2020) Paulo serviu-se de uma linguagem forense referindo se a expressão “justificados”, sendo um ato judicial. Mueller vai complementar destacando a diferença entre os atos civis e o de Deus, em que nas cortes se “declaram justo o justo e condenam o ímpio. Deus, porém, no ato da justificação, justifica o ímpio (Rm.4.5). Isso com o justificado motivo de que Cristo, por sua perfeita obediência, pagou as dívidas pelos ímpios” (MUELLER, 2018, p.360).

Este ato forense, pelo qual Deus, por amor de Cristo, declara justo (*dikaioun*) o pecador que crê em Cristo, não se traduz por “tornar justo”, ou seja, a justificação não é um processo de transformação pela qual a pessoa é feita justa, não é um processo de cura ou santificação, nem mesmo com um certo nível de graus, em que alguns seriam mais justificados do que outros, mas sim uma virtude da justificação perfeita de Cristo da qual ela se apropria pela fé (MUELLER, 2018).Grudem ainda vai definir que a justificação “é um ato instantâneo e legal da parte de Deus pelo qual Ele considera os nossos pecados perdoados e a justiça de Cristo pertencente a nós e declara-nos justos à vista dele (GRUDEM, 2010, p.604).

Outro aspecto importante a ser destacado nesta doutrina é a fé como instrumento pelo qual a justificação é alcançada, esta fé possui um objeto: Cristo. Não é a fé que salva, nem a fé em Deus que salva, mas a fé em Jesus Cristo (Rm.3.22). Alguns pensam como uma espécie de “obra”, um sentimento, uma atitude de entrega, mas ela é dada de forma gratuita (Rm.3.24), sem algum mérito humano. O apóstolo Paulo vai explicar também na epistola aos Efésios (Ef.2.8-9) “porque pela graça sois

salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie".

Os reformadores, desde Lutero, foram firmes na insistência de que a justificação vem *exclusivamente* pela fé (*sola fide*). Fato este que contrariava os papistas que defendiam a compra do céu por meio de recursos financeiros, como as indulgências e/ou por obras meritórias. Também defendiam que não era somente salvação pela fé, como sendo uma virtude ou qualidade implantada por Deus, ensino este que redundava em salvação pelas obras. Se opondo francamente a doutrina contida na Escritura Sagrada (MUELLER, 2018).

Cabe destacar que na Escritura, será encontrado a justificação relacionado com as obras. Lutero vai chamar de remissão externa, ou seja, a justificação perante os homens. Quando Deus justifica os seus crentes perante os homens mediante as obras deles, provando a sua fé e justificando pelos seus frutos (Lc. 7.47; Jo.13.35; Mt.25.34-40). Mueller sobre o tema vai evocar Lutero que disse "a fé e as obras bem acordam e se harmonizam, mas é somente a fé que apreende a benção sem as obras, e, contudo, jamais em tempo algum está só" (MUELLER, 2018, p.362).

Esta verdade é claramente ensinada na Escritura Sagrada. Por um lado, a fé salvadora é sempre seguida de obras (Rm.5.1-5; Gl.5.6; Tg.2.20); por outro, a fé salvadora, não requer nem mesmo a presença das boas obras (Rm.3.28; 4.5). Dentre os efeitos ou resultados da doutrina da justificação, está a transformação interna do crente, por obra do Espírito Santo, onde ele é livre da servidão do pecado e impelido a praticar boas obras pela fé em Cristo (Ef.2.10). Esta transformação interna é entendida por santificação, doutrina que será detalhada na sequência (MUELLER, 2018).

Se na justificação o ato é feito uma vez por todas, inteiramente por Deus e de forma perfeita nesta vida, na santificação o processo é contínuo, iniciado na conversão e progressivo da parte de Deus e do homem (GRUDEM,2010).

Da parte divina, no sentido amplo do termo, a santificação conforme Mueller compreende todos os "atos da graça divina, pelos quais o Espírito Santo converte a pessoa do pecado para a santidade e do domínio de Satanás para o santo e feliz serviço de Deus (Hb.13.12; At.26.18)" (MUELLER,2018, p.368). No sentido restrito do

termo teológico da santificação é que Mueller vai definir como sendo uma transformação espiritual interior do crente que segue à justificação (Rm.6.22; II Co 7.1).

Da parte da cooperação do homem, coopera na santificação, opera enquanto o Espírito Santo opera no homem, neste processo se dará subordinada a ação do Espírito Santo na vida do crente, isto é, que todo novo impulso que ele experimenta e toda nova obra que faz é nele ditada e executada pelo poder do Espírito Santo (Fp.1.6; 2.13) (MUELLER, 2018). Grudem vai chamar de santificação passiva, ou seja, da dependência divina, da obra do Espírito afim de crescer em santificação, baseado no texto Paulino em Rm.8.13 que diz “se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis” (GRUDEM,2010).

Esta transformação espiritual, a nova natureza, implantada no crente, pela fé em Cristo, quando da sua conversão (Ef.4.24; Rm.7.22-25), não eliminará a velha natureza que permanece corrupta, sujeita ao pecado (Rm.7.18-24), no qual contraria e combate o Espírito (Gl.5.17). Sobre este combate e a forma de atuação da santificação, Mueller (2018, p.371) dirá que a nova natureza:

> combate a carne com suas paixões e concupiscência (Gl.5.24), resiste aos seus maus desejos, impede os seus propósitos malignos e realiza tudo aquilo que agrada a Deus, contrário às instigações de sua natureza perversa. Tal é o combate do espírito contra a carne que a Escritura exige com tanta seriedade de todos os crentes. Eles pela fé, se despojam sempre da velha natureza e se revestem continuamente da nova natureza que, segundo Deus, é criada em verdadeira justiça e santidade (Ef.4.24; Cl.3.10).

De sorte que esta velha natureza é mortificada pela Palavra de Deus. O crente fará uso da Lei como espelho (Rm 3.20) a fim de reconhecer o seu pecado, como freio (1Co 9.27) para conter a carne e como norma (Sl 119.9) orientado e regulando a sua vida. A Lei como meio de preparação do caminho para o Evangelho, pois o poder para efetuar a santificação e fazer as boas obras provêm do Evangelho (Rm 12.1).

A santificação do crente é atuação do Espírito Santo. Ele produz uma nova natureza, como diz Paulo, levando aos frutos do Espírito (Gl 5.22). Condição que procura refletir o amor de Deus no próximo. Isso, no entanto, não justifica, mas é fruto da graça divina, onde se demonstra a fé em Cristo Jesus, como Paulo, em Efésio

2.8,9, deixa claro que a salvação não vem do homem, mas é dom de Deus. Tanto que, como lembra Lenski (1961), há uma repetição do termo “pela graça”, ampliando aqui dizendo que é por meio da fé. Ou seja, “Deus completa seu propósito [...] quando com o poder de sua graça e por meio da graça (palavra e sacramentos) lhes dá a fé infantil em seus corações” (LENSKI, 1961, p. 422)

As boas obras são frutos da fé justificadora, elas não conservam a fé, não são perfeitas em si mesmo, até porque estão impregnadas da corrupção da carne (Rm.7.14-19), não devem serem feitas de forma meritória, mas sim debaixo da graça divina em gratidão por já ter alcançado salvação. Os que ensinam e sustentam o erro doutrinário, depositando confiança nas obras para a salvação, rejeitam o *sola fide*, e negam a doutrina fundamental da justificação (MUELLER, 2018).

A verdadeira santificação depreende do correto entendimento sobre a justificação, pois a justificação fornece os motivos e o poder para a santificação. Mueller vai orientar ao ministro cristão que quando quiser “impelir os seus ouvintes à prática de boas obras, deve chamar a sua atenção para a graça de Deus, pela qual regenerados foram dotados de todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo.” (MUELLER,2018, p.394)

Assim sendo, quando se recebe de forma correta a doutrina e se entende a distinção entre justificação e santificação, o compromisso de ensinar com mais sentido e força que a santificação deve ser seguida e as boas obras devem ser feitas, pois é Deus que requer (ITs.4.3; Jo 3.23), de maneira alguma se excluirão as obras da vida cristã, entendendo elas como sinais e testemunhos do estado de graça, servindo com obras em amor à Deus e ao próximo através do poder do Evangelho com uma vida santa e pelo exemplo sejam induzidos a ouvir a Palavra possam serem salvos (IPe.2.12; Mt.5.13-16) (MUELLER, 2018).

Por conseguinte, a pesquisa sobre as doutrinas da justificação e santificação no âmbito das Assembleias de Deus, foram encontradas três fontes de órgãos oficiais pelos quais podem contribuir na construção da análise teológica *assembleiana,* em que será abordada na sequência, são elas: Declaração de Fé das Assembleias de Deus, conforme a 43ª Assembleia Geral Ordinária da CGADB – Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil; Lições Bíblicas Jovens e Adultos da CPAD – Casa

Publicadora das Assembleias de Deus; Curso Básico em teologia – Instituto Bíblico Esperança.

A Declaração de Fé, criada no de 2017 é fruto de um trabalho de pesquisa, por uma comissão especial de teólogos, nomeados pela CGADB, nos quais compilaram e explicaram as doutrinas centrais da igreja a partir dos dezesseis artigos de fé do chamado “Cremos”, que originalmente fora publicado em 1919 pelo missionário Gunnar Vingren. Este documento eclesiástico organiza de forma sistemática em 24 capítulos as interpretações autorizadas das Escrituras e os ensinos oficiais das Assembleias de Deus no Brasil.

No capítulo X da Declaração de Fé a abordagem será sobre a salvação, subdividido em seis tópicos, especificamente no item 2 (2017, p.111) que aborda sobre a natureza da salvação, a declaração vai dizer que:

> “... a salvação é nos oferecida pela graça mediante a fé no sacrifício de Jesus Cristo na cruz do Calvário. Ela é eterna, completa e eficaz. A salvação em Jesus Cristo não é um mero assentimento intelectual, e sim um renascimento espiritual que se dá na vida do pecador arrependido. No ato da aceitação, o pecador é imediata e simultaneamente salvo, justificado e adotado como filho de Deus. A partir daí, entra no processo de santificação até a sua glorificação final no dia de Cristo. Entendemos que o salvo é o pecador que Cristo resgatou das trevas e libertou do pecado e da morte espiritual e que agora está livre da condenação eterna: “Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito. Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte” (Rm 8.1,2). Perdão é absolvição de uma dívida e a remissão de um castigo. Justificação é um ato da graça de Deus, pelo qual a justiça de Cristo é imputada a todo aquele que crê em Jesus declarando-o justo”.

Sobre o artigo da santificação a Declaração, no item 3 do mesmo capítulo (2017, p.112), vai citar que:

> ensinamos que, já salvo, justificado e adotado como filho de Deus, o novo crente entra, de imediato, no processo de santificação, pois assim requer a sua nova natureza em Cristo: “agora, libertados do pecado e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para a santificação, e por fim a vida eterna” (Rm 6.22); “esta é a vontade de Deus, a vossa santificação: que vos abstenhais da prostituição” (1 Ts 4.3). Todos os crentes em Jesus são chamados santos. Santificação é o ato de separar-se do pecado e dedicar-se a Deus. Ele exige santidade de seus filhos: “como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver, porquanto escrito está: Sede santos, porque eu sou santo” (1Pe 1.15,16)

Inclusive, Andrade sobre a santificação dará um significado de separação do mundo e consagração do crente a Deus e ao serviço no seu Reino, com base na

graça divina. Através do qual o homem torna-se, por meio da Palavra e da ação contínua do Espírito Santo, um reflexo da imagem de Deus (Jo 17.17; Fp 3.12-14; 2 Co 3.18) (ANDRADE, 2006).

Conforme Barbosa a justificação é um ato da graça divina, em que Cristo por sua morte expiatória pagou o preço pela nossa salvação e nos declarando justos com base no sacrifício de Cristo, sem algum mérito humano, mas mediante a fé em Jesus (Gl 2.16). Este ato forense diante de Deus, não é um processo como a santificação, mas é um ato instantâneo, não existindo graus de justificação. A justiça atribuída ou imputada ao pecador é a justiça de Cristo (BARBOSA, 2011).

Barbosa (2011) vai desenvolver o tema da santificação como uma resposta humana para com Deus, e que na etimologia do vocábulo, tanto no hebraico como no grego, em linha gerais, as expressões são definidas como separação, separado de tudo o que é corrupto ou imundo, consagrado ou dedicado ao serviço de Deus.

Sob o ponto de vista de Barbosa (2011) a santificação é um prosseguimento da obra de salvação (Fp 1.6). É uma operação que muda o caráter e conduta, a fim de moldar o crente a imagem de Cristo (Rm 8.29). De forma a se entregar voluntariamente a Deus para servi-Lo (Jo17.19; Rm 12.1,2).

Também destacará os estágios da santificação, trazendo a ideia de desenvolvimento até a glorificação do salvos. Para Barbosa a santificação nunca será completa nesta vida, ela é experimental, ou seja, o crente reconhece a santificação na sua vida, sabe que não alcançou a perfeição e que deve prosseguir para o alvo (Rm 1.17; Fp 3.12-14). Ademais a santificação é prática, neste caso ele explica que “o processo da santificação acontece no interior do cristão pelo Espírito Santo, mas se revela externamente diante do mundo pela vida do cristão (Mt 5.14-16).” (BARBOSA, 2011, p.121)

Mediante o exposto fica evidenciado que as definições teológicas abordadas, podem ser constatadas nos escritos oficiais da instituição em consonância com o credo *assembleiano*. Em que ratificam a distinção de justificação e santificação, em nenhum momento a teologia *assembleiana*, nestes artigos, irá acrescentar “obras ou esforços humanos” à justificação, entendendo ser uma obra tão somente divina.

Inclusive no processo de santificação as teologias abordadas convergem para uma obra do Espírito Santo no interior do crente, frutificando em ações, inclusive externas, voluntariosas, originadas de corações gratos. Cabe ressaltar que a doutrina da santificação na teologia assembleiana, tem um destaque no sentido da purificação, da pureza, da separação do mundo e mortificação da velha natureza.

Por conseguinte, tanto Barbosa quanto Mueller, enfatizam que a existência da velha natureza no crente, faz a santificação na vida presente não ser completa. E por isso, a santificação é gradual e contínua, de esforço diário na luta pelo crescimento (perfeição). Ao passo que o apóstolo Paulo aborda o tema nas suas epístolas, aos crentes em Éfeso, Corinto e Tessalônica.

Na carta aos Efésios, escreveu “mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo” (Ef.4.15), neste capítulo 4, Paulo conclama aos crentes que sejam fiéis em sua vocação, inseridos na igreja una, não estática, nem inerte, mas um organismo, pulsando de vida, com o objetivo de alcançar “o estado de homem feito”. Martin vai comentar que “o progresso da igreja é marcado por um crescimento da infância até a maturidade, na medida que ela assume o caráter de sua cabeça, Cristo” (MARTIN, 1988, p.190).

Ainda Martin, vai destacar que dos versos de 13 a 16, o tema é crescimento, e este crescimento deve ser em amor, que define a atitude dos crentes, em suas relações sociais e pessoais. Ela sugere uma combinação de interesse pelos outros que estão necessitados. A luta da igreja por justiça social, no mundo, como instrumento de Deus, é certamente uma parte de sua vocação. A definição de “crescimento em Cristo”, salva a conclamação de cair em um sentimento pietista e irreal (MARTIN, 1988).

Paulo, cita “Deus pode fazer-vos abundar em toda a graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra, como está escrito: Distribui, deu aos pobres, a sua justiça permanece para sempre” (2 Co 9.8-9). Para Murray, a oferta da igreja de Corinto, não era de extorsão, mas de beneficência (v.5), benção fruto do amor que reage à graça divina, que leva à alegria, à ajuda dos que o recebem (MURRAY, 1988).

Ainda, segundo Murray, Paulo no capitulo 9 e versos de 1 a 15, vai enumerar as razões da generosa contribuição, sendo a primeira razão: dar é como semear, produz uma colheita (v.6); a segunda, é a prontidão de Deus em propiciar, os meios para que aja generosamente, Ele é poderoso para fazer abundar os recursos materiais para prover às suas necessidades, e o suficiente para toda a “suficiência” (v.8), do grego *autarcheia*, literalmente ”governar a si mesmo”, Deus dá ao homem suficiência para se contentar com a vida, e o capacita a ser rico em boas obras e generosidade; e a terceira razão, é fazer com que haja uma colheita de ações de graça a Deus (v.11), que por fim capacitará os crentes a glorificar a Deus (v.13) (MURRAY, 1988).

Em 1 Ts.3.12-13, Paulo ora para que o Senhor faça crescer e abundar, até transbordar, em amor de uns para com os outros, e para com todos os homens. Hobbs vai dizer que “este amor não é natural no homem: é um dom da graça de Deus e do seu poder transformador” (HOBBS,1988, p.334). E que Deus por sua graça, escolhe em Cristo, declarar os crentes em santidade, e neste estado, diante Dele, eles cresçam até que se tornem irrepreensíveis e inculpáveis diante de Deus, o que acontecerá na vida de nosso Senhor Jesus Cristo, quando os santificados serão glorificados (HOBBS, 1988).

Todo o assistencialismo praticado por um crente regenerado, emana de um espírito voluntário, ou seja, de amor a Deus. Sobre esta doutrina expressa nos capítulos 8 e 9 de segunda Coríntios, Boor vai mencionar que o inesperado resultado da oferta é, “graça de Deus”, que “foi concedida” às igrejas da Macedônia, uma dádiva quando somos libertados do egocentrismo, indisposto para doar, e que torna intimamente dispostos a doar e ajudar. E, que as igrejas macedônias “pediram, com muitos rogos”, ou seja, de forma insistente, ao apóstolo Paulo, para que pudessem participar da assistência aos irmãos carentes em Jerusalém, considerando esta participação como uma “graça”. (BOOR, 2004).

Segundo Boor, a igreja de Corinto conhecia a graça de Cristo (2 Co 8.9), em que “se fez pobre por amor de vós”, neste aspecto, Paulo relaciona a obra de Cristo, consumada em prol de todo o mundo, de forma concreta com os coríntios. Esta riqueza de se “doar” em amor, esta “graça de nosso Senhor Jesus Cristo” é a fonte viva de sua própria doação. No conceito de Boor, os coríntios haviam recebido

“riquezas” e podiam se tornar mais pobres, doando em amor, com liberalidade, para que outros obtenham o que precisam para viver (BOOR, 2004).

A forma intencional das ações assistenciais das igrejas, deve ir além de suprir necessidades, pois teologicamente, se forem devidamente orientadas irão alcançar o próprio Deus. Foi assim que Boor entendeu 2 Co 9.12, quando diz que a realização desse serviço, é literalmente o “serviço na ação cultual”, derivado do grego *leitourgia*, essa expressão conhecida como *liturgia*, designado para serviços para o Estado, contudo sempre com um fundo religioso. Logo, essa coleta é um serviço cultual que honra a Deus, suscitando ações de graças, alcançando o seu fim, que é a glorificação de Deus. (BOOR, 2004).

Essas verdades incutidas pela Palavra na vida de uma igreja influenciam no entendimento e prática da vida cristã. São um dos meios pelo qual somos santificados (1Co 6.11), através da operação do Espírito Santo.

Com o intuito de agradar a Deus pela obediência à Sua Palavra, na busca constante do crescimento espiritual em Cristo (Ef 4.13), da mortificação da velha natureza, os crentes, inclusive os pentecostais, em aperfeiçoamento, são instigados às práticas das boas obras, em ações sociais, de socorro aos necessitados, de ajuda ao carentes, não como obras de justiça para a salvação, pois já compreendem a doutrina da justificação, mas buscam a santificação de uma vida para Deus, na esperança da glória eterna.

Para que se possa agradar a Deus, as obras, devem ser feitas em fé (Hb 11.6), o crente deve ser santificado pela fé em Cristo, após ter sido justificado, renascido e receber o Espírito Santo. Inicia-se um caminho de temor, honra e amor a Deus, e segundo este novo caminho em Cristo, os crentes praticam as obras por amor e gratidão àquele que é seu Pai (1 Jo 4.19). Nesse sentido, Mueller irá citar Lutero (S.L.,I,867): “As obras que em nossa vocação fazemos pela fé no Filho de Deus resplandecem perante Deus, perante os santos anjos e perante toda a Igreja” (MUELLER, 2004, p.399).

Enquanto, as obras praticadas pela igreja forem: pela fé em Cristo, mediante a Sua graça, por meio da ação do Espírito Santo e visando a glória de Deus, Cristo estará sendo glorificado. Para Rienecker, as obras devem ser praticadas, mas não de

forma exibicionista do seu “eu” religioso, mas sim de testemunho da sua fé, segundo o agir de Deus, deixando a luz de Cristo brilhar (Mt 5.16), não se interpondo no caminho da luz (RIENECKER, 1998).

Assim sendo, observa-se que a continuidade, a perseverança e a motivação da prática de ação social do movimento pentecostal, independente das mutações provenientes de uma inserção maior do pentecostalismo nos segmentos socioculturais, de alguma obra humana. Sob a perspectiva teológica é, que os crentes praticam as boas obras, pois “tudo provém de Deus” (2 Co 5.18), sendo que Deus é que “efetua”, tanto o “querer” como o “realizar” para que se cumpra a vontade Dele (Fp 2.13). Enquanto, pela graça divina, Deus governar, guiar e conduzir com seu Espírito Santo, a vida do crente, este frutificará em boas obras. Este ato contínuo de Deus na vida do crente, por meio da Sua Palavra, é o que mantem a prática das boas obras, não para conquistar o céu, mas sim proveniente de um coração grato, que pela fé já tem o céu em Cristo Jesus.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho pretendeu entender a teologia pentecostal e suas contribuições na esfera social, através da verificação da relação entre a teologia e o serviço social e, quais são as motivações pelas quais os membros da Assembleia de Deus são instigados a realizar ações sociais, a partir de uma metodologia do presente estudo que é qualitativa e quanto aos seus objetivos é de natureza exploratória. O procedimento técnico de investigação utilizado foi a pesquisa bibliográfica.

Para se atingir uma compreensão da relação da teologia pentecostal com o serviço social, definiram-se três objetivos específicos. O primeiro de investigar a teologia na perspectiva social. Verificou-se que existe uma forte vocação social *assembleiana*, no qual deriva de seu “DNA espiritual”, com forte ênfase wesleyana na doutrina da santificação, conversos oriundos de classes sociais menos favorecidas, associado a ineficiência do estado em proporcionar melhores condições socioeconômicas, o que faz o movimento pentecostal se destacar no campo da assistência, sua *práxis* teológica é influenciada pelo Livro de Atos.

O movimento pentecostal, em sua teologia, com destaque nas manifestações do Espírito Santo, de certa forma, proporciona em sua liturgia mais espontânea, emoções e experiências, no qual consegue dialogar com os atores sociais comunitários, ou seja, existe uma simbiose entre o pentecostalismo e a comunidade local e suas carências.

Depois, foram avaliados os impactos sociais das igrejas nas comunidades onde estão inseridas, se refletem na ênfase da doutrina da santificação, onde o movimento pentecostal destacará as boas obras, em meio a comunidades carentes, elevando a autoestima individual, através de ações sociais concretas ao amenizar as condições precárias em locais que a igreja está inserida, por vezes, sendo o único organismo que acessa e proporciona algum alento ao sofrimento humano.

Por conta disso, igrejas se tornaram relevantes junto à sua comunidade, pessoas em sofrimento, encontraram um alento, através de uma fé salvadora, santificada, e operosa em obras, testemunhada pelos crentes. Esta relevância trouxe visibilidade e crescimento, este impacto social conduziu à inserção em novos segmentos sociais.

E, por último avaliar o quanto os trabalhos sociais influenciam na igreja. A análise permitiu concluir que houve mutações no pentecostalismo, por força de um crescimento, e, por conseguinte inserção em vários segmentos sociais, a membresia assembleiana não mais constituída, somente, das camadas sociais mais pobres. Com a inclusão sociocultural da membresia, a igreja percebe um avanço na questão cultural, com a formação de músicos e escritores, e na educação teológica com maior acesso acadêmico de líderes e ministros eclesiásticos e assim refletindo em sua teologia, de forma mais estruturada, compilada em documentos oficiais, como a Declaração de Fé, e com a crescente abertura de núcleos de ensino teológico.

Sendo assim, as contribuições da teologia, principalmente das Assembleias de Deus no serviço social, não obstante sua ênfase na pneumatologia se deram no aspecto soteriológico, destacando que o ensino da Palavra de Deus e o entendimento correto da doutrina da justificação, baseada nos méritos de Cristo, satisfeitos por Sua morte vicária, que por sua imensa graça e mediante a fé salvadora, e, que tudo o que é realizado no assistencialismo, provem da ação contínua do Espirito Santo na

santificação do salvo, e que visa, tão somente a glória de Deus. A confiança não nos méritos humanos, mas no Deus que começou a boa obra, e que continuará frutificando na vida de cada crente. São estes os elementos principais que fazem as boas obras serem sustentadas e praticadas pela igreja, atravessando gerações e enfrentando todas as transformações sociais.

Em pesquisas futuras, podem-se aprofundar as implicações e consequências nas esferas da ética, da cultura, da política, da liturgia, da doutrina, dentro do movimento pentecostal, em face ao fenômeno social do crescimento, no qual já possui debates e artigos científicos de sociólogos e antropólogos. Indicando um horizonte, não muito distante, de transformações no campo religioso, em uma sociedade que se transforma a todo o momento.

6 REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA. Bíblia de Estudo da Reforma. Almeida Revista e Atualizada. 2.ed. Barueri: SBB, 2017.

ALENCAR, Gedeon Freire; FERREIRA, Ismael de Vasconcelos; BARROZO, Victor Breno Farias. *Pentecostalismos, Direitos Humanos e Questões Contemporâneas*. Vitória: RELEP, 2022.

ALVES, Eduardo L. *A sociedade Brasileira e o Pentecostalismo Clássico*: Razões socioculturais para a afinidade entre a teologia pentecostal e a realidade brasileira. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

ANDRADE, Claudionor C. *Lições Bíblicas – As verdades centrais da fé cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

BAILEY, Kenneth E. *Jesus pela ótica do Oriente Médio: Estudo culturais sobre os evangelhos*. São Paulo: Vida Nova,2016.

BAPTISTA, Douglas. *Lições Bíblicas – Valores Cristãos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

BARBOSA, Paulo A. *Teologia Sistemática V – Curso Básico em Teologia do IBE*. Porto Alegre: Pallotti, 2011.

BOOR, Werner. *Carta aos Coríntios*. Curitiba: Esperança, 2004.

BRUCE, F.F. *Romanos introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2020.

CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos*: *Uma história da igreja cristã*.3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

CORTEN, A., (1996). *Os pobres e o Espírito Santo; o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes.

GONZÁLEZ, Justo L. *História ilustrada do cristianismo*: *a era dos reformadores até a era inconclusa*.2.ed.rev, São Paulo: Vida Nova, 2011.

GRUDEM, Wayne A. *Teologia sistemática*.2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

HOBBS, Herschel H. *Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento*. Editor Geral. Clifton J. Allen.2. ed. Vol 11. Rio de Janeiro: Juerp, 1988.

LASOR, William Sandorf. *Introdução ao Antigo Testamento*.2. ed, São Paulo: Vida Nova,2002.

LENSKI, Richard C. H. *The interpretation of St. Paul's Epistle to the Galatians to the Ephesians and to the Philippians.* Minnesota: Augsburg Publishing House, 1961.

MACHADO, Edgar. *História da Fundação da Assembleia de Deus no Rio Grande do Sul* .2. ed. Alvorada: Provedor,2014.

MARTIN, Ralph P. *Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento*. Editor Geral. Clifton J. Allen.2. ed. Vol 11. Rio de Janeiro: Juerp, 1988.

MARTINS, Moisés. *Pentecostalismo e Teologia Pública*. São Paulo: Recriar,2020.

MCGRATH, Alister. *Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica*: *uma introdução a teologia cristã*. São Paulo: Shedd, 2005.

MONTEIRO, C. R. T. *As representações da pobreza e práticas de assistência entre pentecostais*: *o caso da Assembléia de Deus*, 1999. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MUELLER, John T. *Dogmática cristã*. 4.ed. rev. Porto Alegre: Concórdia, 2018.

MURRAY, G.R. *Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento*. Editor Geral. Clifton J. Allen.2. ed. Vol 11. Rio de Janeiro: Juerp, 1988.

RIENECKER, Fritz. *O evangelho de Mateus comentário esperança*. Curitiba: Esperança, 1998.

ROLIM, Francisco C. *Pentecostais no Brasil, uma interpretação sócio religiosa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

SALES, João Ricardo B.P *Religião e classe social: Uma análise dos especialistas religiosos de diferentes segmentos evangélicos sob a influência do Pentecostalismo*. Tese (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro, Campo de Goytacazes, RJ. 2017.

SANTOS, André L. *Religião e Política: socialização e cultura política entre a juventude da igreja pentecostal Assembleia de Deus em Porto Alegre – RS*. 2008. 154f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008.

SCHROEDER, Airton S. *A igreja em movimento. Introdução* Disponível em: <https://www.editoraconcordia.com.br/a-igreja-em-movimento-manual-de-acao-social-2>. Acesso em: 05. jun. 2022.

SILVA, Cláudia N. *As ações assistenciais promovidas pelas igrejas pentecostais :motivações e dificuldades*. Pesquisa na área de história das religiões, Departamento de serviço social, Universidade Estadual de Londrina, 2009.

SHEDD, Russel P. *Justiça social e a interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova,2016.

SIQUEIRA, Gutierres F. *Os evangélicos além da política*. Disponível em:<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2022/09/os-evangelicos-alem-da-politica.shtml> Acesso em 12.nov.2022

STEIN, Luciano. *Nils Taranger um coração missionário no sul do Brasil*. Porto Alegre:Esperança,1998.

WILLIAMS, J. Rodman. *Teologia Sistemática*: *Uma perspectiva pentecostal*. São Paulo:Vida,2011.

WOLFART, Graziela.2010.Disponivel em:

https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3207-alderi-souza-de-matos#:~:text=Houve%20uma%20primeira%20manifesta%C3%A7%C3%A3o%20no,em%20Los%20Angeles%2C%20em%201906. Acesso em 08/11/2022